

**Zimpeto: O mercado abastecedor da arte de pensar
e o Museu de Reinata que é ou não uma mulher emancipada?
(porque ninguém se lembraria de perguntar
se a Paula Rego é ou não uma mulher emancipada)**

Teresa Cunha

2010

RESUMO

NEVER TRUST WOMEN mantinha as suas qualidades fosforescentes a qualquer hora do dia ou da noite. A frase colada no vidro traseiro do chapa - *NEVER TRUST WOMEN* - impõe, persistentemente à rota entre o Museu e o Zimpeto, a evocação da rebeldia e da suspeita de que a cada opressão se segue uma fúria e a transgressão.

Neste trabalho procuro ensaiar e dar corpo ao conceito de *aprender com o Sul*, no sentido de encontrar *outros* ângulos de compreensão e de teorização - de retaguarda - sobre feminismos e a emancipação, exercitando uma epistemologia pós-colonial.

Com base no trabalho de campo realizado em Maputo em 2008 e 2009 com vendedeiras e lideranças femininas dos mercados informais e de associações de base popular, tenho como objectivos, por um lado, discutir aquilo que designo pela poli-racionalidade da emancipação das mulheres, e por outro lado, a importância das capulanas tecidas, a urdidura que sustenta e faz a teia; os fios que vão e voltam, unindo na desigualdade de cores, texturas, grossuras e desenhos.

A pluri-versatilidade de projectos de emancipação ou de *conseguintos* emancipatórios das mulheres coloca-me um conjunto de questionamentos que pretendo reflectir e tematizar: a) O que fazer com a pretensão de uma teoria universal da emancipação das mulheres com base no atávico e planetário patriarcado?; b) Como lidar, sem desperdiçar a herança e subversão que aí também está contida, com as categorias gerais da emancipação das mulheres e o processo narrativo que lhe corresponde?; c) Procurar, reconhecer e pensar, como emancipatórias, experiências díspares, diferentes, não-alinhadas, demasiado locais, demasiado biográficas não pode resultar numa fractura conservadora e de reforço da hegemonia masculina?

A reflexão sobre estes três questionamentos suscita-me um ensaio teorizador com base nas seguintes ferramentas: a) Uma *Sociologia dos Resgates* que pensa o lugar do passado no presente e a ecologia da enunciação da emancipação - porque esta tem que ser compreensível, concreta e resultar na felicidade das pessoas; b) Uma *Sociologia da Ambiguidade* que sustenta e suporta percursos e projectos desalinhados e incertos quanto aos métodos e aos resultados; c) Uma *Sociologia das Caixas de Ressonância* que pensa as formas de amplificação de cada uma das vozes e gritos para que nenhuma pessoa se possa sentir desamparada; procura formas e teares simbólicos, imateriais e físicos de união, cooperação, questionamento e compaixão.

Palavras-chave: género; colonialismo; feminismo; pós-colonialismo

1. Introdução

Conhecer é uma operação de conjunção e uma estratégia e tarefa reflexiva de articulação, de procura de ligações nas contradições, de inter-acção com harmonias e tensões. A auto-reflexividade, do meu ponto de vista, apresenta dois movimentos e

duas dificuldades respectivas. Por um lado, representa um movimento de internalização do que é apreendido do real; é pensar sobre o que se lê, experimenta, realiza, se descobre e se aprende. A dificuldade é a exigência de um constante escrutínio pessoal, ou seja, uma elevada capacidade crítica e analítica para que a reflexividade não se transforme em *apenas mais uma* descrição da mesma coisa. O segundo movimento, defino-o como um exercício de apropriação, de organização, criatividade e de produção de inéditos. Neste sentido, reflectir é um exercício autoral que marca, indelevelmente, o conhecimento sem o tornar exclusivo e excludente mas mantendo o seu carácter profundamente relacional e comunicativo. A dificuldade está em saber devolver o reflectido, isto é, saber como torná-lo inteligível, útil e significativo para o auditório que o recebe. A auto-reflexividade não é, pois, um acto solipsista da mente mas uma apropriação criativa, um aumento da consciência da complexidade da produção do conhecimento que não evita a indeterminação, o contingente de subjectividades, as biografias e os riscos de uma economia de interpretação que subjaz ao acto de definir e conceptualizar. A auto-reflexividade não é o conhecimento mas é uma das componentes do seu processamento e, como os *lugares de enunciação* ensinam, é uma possibilidade fecunda de aumentar a objectividade ampliando os campos de confrontação e de argumentação uma vez que se admite a intrusão e a presença do observado, do emocional, daquilo que faz parte, enfim, da *corrente quente* do pensamento de que Santos (2007: 58) nos fala, ou seja, as condições e a vontade de ultrapassar os desafios e as dificuldades.

Sendo as raízes ainda coloniais, as opções deste trabalho são pós-coloniais pois sabem da sua incompletude, da potencial violência epistémica exercida sobre quem ainda não exerceu o poder de suspender a minha memória para a criticar, limitar e amplificar com a sua própria, com os seus conhecimentos e com a maneira como quer e pensa ser apropriado comunicá-los. A minha abordagem sendo qualitativa não pretende realizar generalizações, inferir tendências aplicáveis a uma realidade social tão complexa e vasta. Pelo contrário, a minha opção é trabalhar na intensidade que as narrativas e as auto-reflexões de que elas são epifanias, trazem para o conhecimento e para a problematização dos tópicos em discussão. Nesta apresentação procuro ensaiar e dar corpo ao conceito de *aprender com o Sul*, no sentido de encontrar *outros* ângulos de compreensão e de teorização sobre feminismos e a emancipação das mulheres, exercitando, o quanto possível, uma epistemologia pós-colonial.

Com base no trabalho de campo realizado em Maputo em 2008 e 2009 com vendedeiras e lideranças femininas dos mercados informais e de associações de base popular, tenho como objectivo reflectir sobre aquilo que designo pela poli-racionalidade e pluri-versalidade da emancipação das mulheres, ou, por outras palavras, dos conseguimentos emancipatórios das mulheres. Esta discussão remete-me para um conjunto de questionamentos que pretendo enunciar e argumentar aqui, ainda que, necessariamente, de uma forma muito breve.

Em primeiro lugar, colocar a seguinte pergunta, parece-me como crucial:

- Quem e como se define o que é uma mulher emancipada, ou melhor, em que termos se dá a emancipação das mulheres individual e colectivamente?

Em segundo lugar, há uma outra pergunta que se impõe:

- A emancipação das mulheres é, ou não, uma contra-narrativa ao poder dito atávico e planetário do patriarcado?

Finalmente, é-me suscitada uma questão sensível e difícil:

- Procurar, reconhecer e pensar como emancipatórias, experiências díspares, diferentes, não-alinhadas, demasiado locais, demasiado biográficas não pode resultar numa fractura conservadora do acervo mundial da emancipação das mulheres e, portanto, do reforço da hegemonia masculina que prevalece ainda?

1- Todas as pessoas têm, com certeza, imagens, representações do que é ou o que pode ser uma mulher emancipada ou uma sociedade onde as suas mulheres se julgam e são emancipadas. A nossa imaginação sociológica contemporânea sobre a emancipação das mulheres está repleta de ícones, imagens, comportamentos e clichés. Não é meu propósito neste trabalho definir ou limitar o conceito de emancipação, e, em particular, a emancipação das mulheres. Para tal reservo-me a certeza do extenso património conceptual, representativo e imagético com que cada uma e cada um percebe e critica esta reflexão. Porém, a pergunta mantém-se: como e quem define o que é uma mulher emancipada?

O 'Movimento pela Aprovação da Lei contra a Violência Doméstica' (2008: 5) de Moçambique afirma que:

" - Hoje em dia, nós as mulheres, exigimos os nossos direitos como seres humanos e queremos viver uma vida livre de violência, dormindo em paz e sem temer agressões constantes do marido ou companheiro, que devem ser quem presta apoio e solidariedade.

Zimpeto: O mercado abastecedor da arte de pensar e o Museu de Reinata que é ou não uma mulher emancipada?

- Hoje em dia, nós as mulheres, denunciámos a violência doméstica como um dos mais graves atentados aos direitos humanos das mulheres e como uma forma de controle para manter a dominação feminina."

Depreendo destes excertos que a emancipação das mulheres, segundo as suas autoras Moçambicanas, está, intrinsecamente relacionada com, a ausência de violência sobre si, os seus direitos humanos e o fim do controlo das mulheres pelos homens. Atrevo-me a afirmar que, até aqui, parece estarmos partilhando, sem percalços de maior, ideias, conceitos e representações.

No 'Protocolo à Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos Relativo aos Direitos da Mulher Africana' (Fórum Mulher, 2006: 101) declara-se solenemente no preâmbulo que:

*" - Reafirmando o princípio da promoção da igualdade entre os homens e as mulheres consagrado no Acto constitutivo da União Africana, na NEPAD e noutras pertinentes - Declarações, Resoluções e Decisões, que realçam a determinação dos Estados Africanos em garantir a plena participação das mulheres africanas no desenvolvimento de África, como parceiras em pé de igualdade;
- Reconhecendo o papel crucial das mulheres na preservação dos valores africanos, com base nos princípios de igualdade, paz, liberdade, dignidade, justiça, solidariedade e democracia;"*

Mais uma vez, podemos considerar transparente que a emancipação das mulheres é definida em termos de igualdade, plena participação e preservação dos valores africanos. Temos assim, uma amplificação relevante dos termos em que uma mulher é e é reconhecida como emancipada: não sofre e não teme qualquer tipo de violência, não é exercido controlo sobre ela, participa plena e igualmente na sociedade e na preservação dos seus valores próprios. Creio que podemos concordar que esta é uma imagem, que contém uma definição de emancipação que ainda nos governa e, atrevo-me mais uma vez a dizer, que nos une no seu essencial.

Então, chegou a hora de perguntar, o que é que o Zimpeto, mercado abastecedor da arte de pensar de muitas maneiras, traz de novo, de dissenso e de pluri-versalidade? Para continuar esta discussão, vou-me socorrer, como disse acima, dos desafios que me foram sendo feitos pelo meu trabalho de campo em Maputo. O primeiro resumo em num parágrafo que escrevi ao regressar de mais um dia de trabalho no mercado de Xipamanine (Amal, 2009: 91):

*"Vai ser um rodopio na minha cabeça porque ali as coisas estão muito mais próximas do que conseguimos saber e sequer imaginar.
Imaginem um labirinto que não é. Imaginem trinta lojas de medicamentos como incensos, gorduras, tónicos, cascas, madeiras, óleos, amuletos e muitas outras coisas que não sei nomear. De repente, nas estruturas palafíticas (paus finos e escuros e ainda por cima totalmente irregulares, exactamente como as árvores os deram) surgem televisões de último modelo ligadas e, defronte, a secção das malas de viagem iguais a de uma qualquer loja em que cada uma e um de vós costuma comprar as suas."*

Zimpeto: O mercado abastecedor da arte de pensar e o Museu de Reinata que é ou não uma mulher emancipada?

É uma impertinência até porque os corredores de terra têm para aí metro e meio de largura e estão apinhados de pessoas que podem comprar ou encomendar qualquer coisa.

Ali, nos mercados, as mulheres falam três e quatro línguas, fazem cálculos em várias bases passaram e conhecem vários regimes políticos, ajustamentos estruturais, neo-liberalismo, partido único e pluri-partidarismo, colonialismo, revolução e desilusão; a maioria passou por muita terra, duas guerras e têm várias profissões. É preciso pedalada.

Afinal não resisti e comecei a falar de Xipamanine."

Parece-me assim apropriado aumentar o campo de foco da lente sobre a emancipação: mulheres empresárias, políglotas, com experiência relevante em vários regimes de opressão e de libertação, diversificada experiência profissional e domínio de operações matemáticas de aplicação essencial à gestão quotidiana dos recursos. Talvez seja, neste momento, que comecem a surgir, entre nós, alguns danos irre recuperáveis nas películas das nossas imagens.

Em segundo lugar, gostaria de ter o prazer de vos apresentar a Esmeralda, empresária de serviços domésticos em Maputo e residente no Bairro de Mangoanine na periferia da capital na estrada de Marracuene.

A Esmeralda tem dois filhos, Tomazito e Pedro e uma filha, a Edna. A Esmeralda é uma das três esposas do seu marido. A cerimónia de anelamento - casamento - foi um dos momentos mais importantes da sua vida porque escolheu aquele homem para marido e está testemunhada em fotos lá em casa em lugar de destaque. Junto à casa tem uma machamba onde planta milho, batata doce, m'boa e tudo o mais que precisa. Tem casa de banho devidamente perto da torneira e longe do resto da casa. A Esmeralda trabalha desde que terminou os estudos e é independente economicamente da família desde os 15 anos de idade. Fala, escreve e lê três línguas. Não quer ter mais filhos e por isso toma, rigorosamente, a pílula anti-concepcional e é apoiada pelos conselhos dos médicos e vizinhas. A Esmeralda define-se assim (*Ibidem*: 189):

"- Eu sofro de alegria!"

Mas conhecer a Esmeralda é mais do que isto. É a metamorfose, digo melhor, é o exercício permanente e clarividente do escrutínio entre as raízes e as opções, para usar uma expressão feliz de Boaventura. Permitam-me voltar a um pequeno excerto das minhas notas de campo (*Ibidem*: 371-379).

"Sempre com calma e com tranquilidade a Esmeralda foi pedindo a cada um dos filhos pequenos serviços e quando me dei conta havia uma mesa cá fora com pratos colheres salada condimentos cerveja e copos. Veio a xima nos pratos a fumar e a cheirar a coco, a galinha grelhada num prato coberto e, antes de tudo, uma bacia, água e sabonete para lavar as mãos. Pedrito com 17 anos organizava dentro de casa e, seguindo as suaves indicações da mãe, ia aparecendo com tudo, recolhendo pratos e

Zimpeto: O mercado abastecedor da arte de pensar e o Museu de Reinata que é ou não uma mulher emancipada?

acessórios, colocando mais cerveja fresca na mesa. Tomazito dava o apoio de retaguarda dentro de casa. Saía e colocava as chinelas, entrava e tirava as chinelas para prevenir lixos e outras coisa mal-vindas em casa. Pedrito foi quem organizou e serviu o almoço com toda a delicadeza e silenciosamente, enquanto a mãe estava sentada comigo depois de se lavar e mudar de roupa. A mãe era uma senhora. Não se levantou nem só uma vez nem precisou pois Pedrito, Tomazito e Edna conhecem bem o protocolo e as regras da boa educação.

(...)

Francisco, o marido, telefonou dizendo que não podia vir almoçar. Estava a trabalhar mas mandava cumprimentos.

(...)

A Esmeralda não tinha frio na sua blusa verde relva. Tocou o telefone dela e ela tirou o telefone do seio e falou com o papá mais uma vez que pedia desculpa mas ainda estava retido no trabalho. Não faz mal disse ela. Nós estamos aqui, eu e a minha amiga Tetê em casa da Joana. Já vira fazer aquilo no mercado à Mamã Alice: a perfeita combinação entre o que nos convém da tecnologia mais moderna e dos hábitos mais decalcados de geração em geração. Assim a mamã de lenço na cabeça que há bocado, junto ao fogão de brasas, mexia a xima com uma colher de pau é também a jovem mãe de dois filhos e uma filha em jeans, blusa de seda com sandalhinhas a condizer usando celular, poliglota, agricultora, empresária dos seus serviços, gestora de casa e de sentimentos. É a mesma que fala ronga, maxangane e português e sabe como usar ortografia para tentar traduzir, pelo menos para mim, aquele assobio que está dentro da palavra uswa, ou seja, xima. Também é a mesma que é a terceira mulher de uma família polígama e que diz e reitera que sofre de alegria.

Ora ali estava a harmonia poli-racional sem confrontos apenas a lucidez de um espírito aprendente e pragmático a funcionar no seu pleno juízo."

Será que a Esmeralda cumpre os requisitos de uma mulher emancipada segundo o Protocolo e Movimento acima citado? Será que a Esmeralda desconstrói e reconstrói os conceitos e as imagens que transferimos dessas palavras e das nossas epistemologias feministas, ou vai mais longe, acrescentando, rompendo, amplificando, mostrando que há versões não incluídas de liberdade e poder das mulheres que é, como eu argumento, o núcleo duro da sua emancipação? Corro o risco de deixar a pergunta por responder, por agora.

A terceira personagem que gostaria de evocar é Reinata. Reinata é uma conhecida artista Maconde que agora vive e trabalha em Maputo. O seu atelier é no Museu de História Natural, lugar onde começa a carreira do chapa que vai até ao mercado do Zimpeto. Ela coze as suas peças nos fornos do Núcleo de Arte que fica numa rua contígua. Essas ruas e esses espaços são habitados pela Reinata e pela sua arte Maconde, no coração da cidade Xangane. Cada peça feita por ela pode custar entre 3000 a 6000 meticais, ou mais. Há quem diga que ela é explorada pela família que acaba por lhe tirar todo o dinheiro que consegue com as suas peças de arte. Não sei se é verdade ou não; mas sei que a imaginação artística dela é muito mais potente do que qualquer rumor e transtorna a nossa estreiteza conceptual de emancipação (*Ibidem*: 173).

"Figura impressionante. Claro que compreende português mas faz de conta que só compreende e fala Maconde. Contudo ela tem realmente peças muito bonitas na sua oficina super simples e mesmo pobre. Sabe negociar e o negócio fica ainda mais interessante porque ela usa a D^a Judite como intérprete como se não entendesse nada das propostas que lhe são feitas. Um mimo de tradição na rudeza do barro numa mistura indelével com os hábitos modernos de se deixar capturar para ser fotografada como a autora daquela peça 'exótica' de arte que se coloca em casa, sinal do longe, do diferente, do que não se entende nem é preciso. A Reinata é uma grande artista e uma grande atriz."

2- A segunda questão prende-se com o poder, ou seja, a emancipação das mulheres está, irremediavelmente, ligada aos seus poderes. Por um lado, há quem argumente que a emancipação das mulheres é o exercício de um contra-poder, o do atávico e omnipresente patriarcado. Por outro lado, eu argumento que se trata mais do que um contra-poder mas o efectivo e quotidiano exercício dos poderes das mulheres - porque, mais uma vez, este conceito deve ser plural.

Como aprender com o Sul implica o esforço da poli-racionalidade, vejo na obra de Foucault, a respeito de um pensamento sobre poder, algumas virtualidades que são bastante produtivas para este meu ensaio. Foucault alerta-nos para a ideia de que o poder vem-de-baixo, que a estrutura de dominação presente na sociedade depende e opera através de um circuito capilar constitutivo das relações de poder. Ele ainda sublinha que o poder não pode ser visto nem entendido como uma entidade, uma possessão ou uma instituição separada ou independente de um conjunto de relações onde ele é exercido. Este aspecto relacional e capilar do poder, ou dos poderes, é interessante para poder pensar a emancipação das mulheres porque nos obriga a situar, a descortinar lugares e tempos de enunciação que têm geografias epistemológicas, memórias e representações diferentes do sempre presente poder patriarcal. A abordagem contida nas seguintes palavras de Foucault permite aprofundar os tópicos e a análise que ensaio aqui (Faubion, 2002: 329).

*"I would like to suggest another way to go further toward a new economy of power relations, a way that is more empirical, more directly related to our present situation, and one that implies more relations between theory and practice. It consists in taking the forms of resistance against different forms of power as a starting point. To use another metaphor, it consists in using this resistance as a chemical catalyst so as to bring to light power relations, locate their position, find out their point of application and the methods used. Rather than analyzing power from the point of view of its internal rationality, it consists of analysing power relations through the antagonism of strategies."*¹

¹ Gostaria de sugerir uma outra maneira de prosseguir uma nova economia das relações de poder, uma forma mais empírica, mais directamente relacionada com a nossa presente situação e que implique mais relações entre a teoria e a prática. Consiste em tomar as formas de resistência contra diferentes formas de poder, como ponto de partida. Usando uma outra metáfora, consiste em usar esta resistência como um catalisador químico que permita trazer à luz relações de poder, localizar a sua posição, descobrir as suas aplicações e os seus métodos. Mais do que analisar o poder do ponto de vista

Deste modo, sugiro que tomemos como ponto de partida, as palavras, os termos com que elas próprias definem os seus poderes. Os termos que emergem da narração das suas biografias imersas na complexa capilaridade de relações de poder assentes em idade, género, raça ou estatuto social. Elas usam estratégias em que se sobrepõem padrões de idealismo e pragmatismo e que são povoadas de aceitação, oposição, humildade e raiva, mas que constituem, quase sempre, dinâmicas de antagonismo. Com uma forte capacidade de infiltração nas comunidades, estas mulheres têm sabido submeter-se, resistir, encontrar alternativas, pensar sobre si mesmas e exercer os seus poderes. Maria Lúcia designa, assim, esta realidade (Amal, 2009: 753):

"O poder das mulheres é aguentarem o sofrimento, o poder para aguentar a dor e as dificuldades. Esse é uma enorme poder das mulheres. As mulheres ocidentais deprimem e é muito diferente de nós que temos muito mais poder para aguentar.

(...)

Para resolver os conflitos e educar as pessoas é preciso falar sempre baixinho e com ternura. Nunca levantar a voz. Ou seja, levantar a voz dizer ser firme e frontal sem levantar a voz em termos de tom e volume."

As palavras de Maria Lúcia, empresária de fritos, como se gosta de chamar, estão a ser, certamente, controversas e a multiplicar os questionamentos. Mas elas concretizam de uma maneira clara, a meu ver, o que Hanna Arendt diz serem as duas características do poder, em contraposição à violência: poder é energia e vigor (Arendt, 2001: 13-14). Energia para aguentar; o vigor necessário à firmeza para ensaiar o levantamento da voz sem a levantar.

Fátima Gomes, pastora evangélica de uma pequeníssima comunidade da Ilha do Ataúro, propõe uma análise dos poderes das mulheres ainda mais difícil. Contudo, podemos ver que as palavras de Fátima dizem que, num contexto concreto de um enorme desequilíbrio das relações de poder, trazem à luz as estratégias de resistência de que nos fala Foucault, os seus métodos e as suas aplicações. Nas palavras dela (*Ibidem*: 755):

"É certo que há coisas que as mulheres conseguem fazer e os homens não. Não me refiro apenas àquelas que parecem inevitáveis como dar à luz e amamentar; mas sim manter a calma, a serenidade, ser capaz de ir aonde todos têm medo para negociar alguma coisa, não se excitar e colocar tudo a perder em caso de conflito grave, não usar a força como meio de resolver as coisas.

(...)

Alguns homens vieram falar comigo para tentar continuar a viver com a memória de terem aberto as barrigas das mulheres para tirarem de dentro dos úteros as crianças e matá-los contra as pedras ou estrangulando mãe e filho. Também contam como mataram homens e jovens inocentes estrangulando-os depois de os ferirem de catana.

da sua racionalidade interna, consiste em analisar as relações de poder através das estratégias de antagonismo.

*Só uma mulher pode ouvir estas coisas sem ficar a odiar e sem perder, de novo e logo,
a cabeça.*

(...)

*As mulheres, sim, são fortes. De uma força visível nos seus actos de reconstruir sempre
as casas, procurar alimento e distribuir alimento mesmo quando escasseia muito. As
mulheres é que são fortes pois suportam todas as dificuldades e sofrimentos e nunca
desistem das suas famílias."*

Como já afirmei anteriormente, o meu argumento é que a emancipação das mulheres está intrinsecamente relacionada com os seus poderes. Poder enquanto energia e força; poder enquanto competência e capacidade; poder enquanto autoridade, legitimidade e reconhecimento; poder enquanto resistência ao sofrimento; poder enquanto antagonismo à dominação e às dificuldades. Ainda que uma parte relevante destes poderes se exerça nos obscuros e ambíguos espaços da família e da espiritualidade.

Não é de espantar que muitas tenham aprendido a obliquidade e a saber usar a obscuridade e a ambiguidade para construir as suas manhas, os seus disfarces desenvolvendo competências de estreito relacionamento com a clandestinidade e aprendido a evitar o olhar e a visão. Porém, uma das mais preciosas contribuições do pensamento feminista quando proclamou que *o privado também é político* resgata, no meu entendimento, o valor eminentemente político destes poderes, considerados ainda *de sombra* porque forjados na esfera do privado por sistemas de opressão, vulnerabilização, silenciamento e violência. Mas é, aqui neste ponto, que os estes poderes se transfiguram em competências de antagonismo, resistência, alternativa e emancipação quebrando essa dicotomia terrível entre privado e público, familiar e político. Os poderes das mulheres não se subsumem na plena participação política e no desenvolvimento preconizados por valores *com base nos princípios de igualdade, paz, liberdade, dignidade, justiça, solidariedade e democracia*. Os poderes de muitas mulheres também nem sempre estão ligados à idade, ao sexo, e ao género. A Liazzat Bonate (*Ibidem*: 27) sublinha que muitas mulheres são muito poderosas porque:

- " - Sabem escrever*
- Sabem ler as cartas na comunidade*
- Fazem requerimentos*
- Sabem lidar com as instituições - mediar os poderes*
- Têm um negócio e têm acesso a certos bens*
- Empréstam dinheiro*
- Têm casas de 'descanso' para os homens."*

Ou seja, na sua versatilidade, as mulheres e os poderes que engendram vão criando fracturas, dissensões, transgressões, tanto no pensamento como na prática e na teoria. Creio que disto é bem elucidativo a estória da entrevista à Vovó Betuxa,

empresária informal e vendedeira de verduras no Bazar de Xipamanine em Maputo
(*Ibidem*: 120-122).

"Então a partir de um certo momento estávamos com umas sete mulheres e a Vovó Betuxa sentada na cadeira principal (...). A conversa começou e logo aí a Vovó começou a dizer que não queria falar português primeiro porque não sabia e depois porque estava cansada. Ela falava e fazia uma pergunta em ronga a que todas as mulheres respondiam dando o seu assentimento ou mostrando a sua concordância num coro bem afinado. As perguntas não havia respostas a não ser, não entendo, não sei... seguidas de um coro de mulheres que de caras fechadas corroboravam as frases da líder. Num certo momento e com alguma impaciência a conversa começou a ter o tom da vitimização: somos as mais pobres dos pobres, não temos nada, o que precisamos é de apoio, é de dinheiro, não precisamos de conversas. O encontro estava a tornar-se impossível. (...) Naquele momento o que me moveu, principalmente, foi ter a noção de que a sua pobreza era de facto absoluta e as suas necessidades eram reais. Ponderei durante alguns minutos sobre as regras das entrevistas e, como sempre me pareceu um pouco estúpido - digo mesmo assim - pretender que entrevistadora e entrevistada se devem desocupar uma da outra, que a objectividade não se emociona nem se deixa influenciar, que a ciência precisa tanto de pureza e desprendimento como de disciplina, acabei por resolver arriscar dar dinheiro com o assentimento tímido e precipitado da Telma.

Nesse momento escutei a Vovó dizer:

- Eu sou esperta!

Ela tinha conseguido e, nesse mesmo momento, experimentei do seu poder. Se eu quero perceber que poderes e como os usam as mulheres que os têm ali se passou uma peça brilhante de observação participante e deixei-me render ao poder e à inteligência daquela Mamã. Ela usou o discurso, o cenário, o coro das mulheres para obter aquilo que queria e tinha-me avaliado muito bem.

Se estou arrependida de lhe ter oferecido 500 mt? Nem um pouco. Estou certa que compreendi com aquilo que se passou muito mais sobre os poderes, as subtilidades, as manobras das mulheres que com as entrevistas purificadas que poderia ter feito a cada uma delas.

Em seguida houve palavras e respostas que bem vistas as coisas não acrescentaram muitas ideias; cantaram e abriram os rostos em sorrisos. O ambiente transformou-se e a mamã Rabeca, ou Vovó Betuxa, continuou a controlar a situação mas naquela altura com o meu consentimento e com o meu entendimento, pelo menos parcial, do que se estava ali a passar.

Então que poderes descobri, ou pelo menos vislumbrei?

esconder

vitimizar

controlar

negociar

fazer alianças temporárias e as alianças necessárias

controlar o conhecimento dos espaços

controlar a informação

jogar com os sentimentos e os desconhecimentos de quem não faz parte da comunidade

falar e compreender várias línguas e saber que se está em vantagem por isso

Controlar o fluxo de informação

Liderar um grupo de forma a estabelecer uma caixa de ressonância das suas posições reforçando-as e tornando-as dominantes

Usar da autoridade formal e da autoridade da idade

Poderei ainda encontrar outras formas de auto-determinação, de afirmação de vontade, de força, vitalidade, de energia e de pensamento próprio. Creio que tudo isto constitui a noção de poder e quero problematizar e tematizar na minha tese."

Talvez só não seja claro para mim. Mas, do meu ponto de vista, todos estes poderes são políticos e são essenciais às comunidades humanas contrariando, sem pudor, um

certo e moderno imaginário e pensamento de poder epitomizado, mantido e memorizado em figuras como são todos os heróis da libertação e da pátria. Os contínuo entre privado e público, presentes nos termos, nos métodos, nos conceitos pensados e utilizados, são, precisamente, o que cada destas mulheres não tematiza porque lhes é dispensável e irrelevante.

3- O meu terceiro questionamento é, do meu ponto de vista, o mais difícil de tratar e de analisar. Ou seja, procurar, reconhecer e pensar, como emancipatórias, experiências díspares, diferentes, não-alinhadas, demasiado locais, demasiado biográficas não pode resultar numa fractura conservadora do acervo mundial da emancipação das mulheres e do reforço da hegemonia masculina?

A esta pergunta junto a estória das vendedeiras de rua de Maputo e que é a seguinte (*Ibidem*: 217-218):

"Pode-se argumentar que a pobreza empurra aquelas mulheres para as beiradas dos passeios muitas vezes em cima de charcos fétidos e de lama preta. Estão ali a vender alguns tomates e umas quantas tangerinas. Se passarmos às oito da manhã elas estão lá com o seu pano estendido e os seus produtos arrumados. Se voltarmos a passar às cinco da tarde, não é incomum vê-las no mesmo sítio e com os mesmos tomates e tangerinas, igualmente arrumados nos montinhos ainda por vender.

Pode-se dizer que a pobreza destas mulheres as fixa aos charcos nojentos da cidade e que as beiradas que ocupam são mais do que um buraco no passeio: são realmente a margem, o limite, o único lugar que encontraram para si.

Mas também há uma outra forma de pensar sobre a mesma coisa.

O artista de batik Martin disse-me que arranjava uma banquinha para uma das irmãs ir vender laranjas. Sem dinheiro para continuar na escola, sem casa para cuidar, sem arroz para cozinhar, esta foi uma estratégia não só de sobrevivência mas também de realização pessoal. Ela prefere sair de casa; prefere o passeio e os montinhos de laranja do que ficar a ver passar as horas junto de uma casa sem nada, sem machamba para trabalhar e produzir.

Algumas mulheres dizem que assim saem das suas casas, aprendem a lidar com a cidade, podem ganhar algum dinheiro, arranjam-se o melhor que podem para não perderem a dignidade junto das outras. Assim convivem, conversam e algumas começam a pensar em voltar para a escola quando as oportunidades surgem. Ali vêm passar os carros engolem os fumos, contraem doenças, podem ser escoraçadas e batidas pelas polícias ou ladrões mas a insistência com que permanecem ali talvez nos conte uma história de pobreza, de trágico ganha pão mas também uma escolha arriscada, corajosa e determinada.

É esta ambivalência que é intrigante. Aparentemente sem escolhas, pode-se dizer que algumas destas mulheres afirmam ter conseguido dar passos de qualidade nas suas vidas. E quando conseguem um metro quadrado no mercado informal, um lugar nos xitiques semanais e um avental de vendedeira, o caminho realizado é muito mais do que as nossas pobres cabeças estão treinadas para pensar e imaginar. Não fecho os olhos à pobreza e à injustiça estruturante do modelo económico e de desenvolvimento capitalista. Nem tão pouco me passa pela cabeça encontrar justificações para este estado de gentes. Não me conformo nem desisto de pensar que crise, a verdadeira crise, é deixar tudo como está. A violência está visível e é incontornável. Mas o olhar de Zumurrud impõe-se inevitável e fala:

- Hei-de conseguir!"

Estas minhas notas de campo não resolvem o assunto. Pelo contrário, lançam ainda mais perplexidades e problemas analíticos para a discussão. O meu propósito é mostrar como se pode tornar contraditória e infindável esta discussão. Contudo, o meu grande objectivo é contribuir para um pensamento feminista aprendente e humilde que não se satisfaz com as categorizações e definições que tanto têm vindo a ser usadas. Do meu ponto de vista, não são apenas os contextos, os lugares de enunciação que exigem um pensamento refrescado e uma nova teorização. São também os limites endógenos das nossas teorias de vanguarda, modernas e prescritivas que povoam os livros, as mentes, os imaginários, os slogans e que, indelevelmente, vão decidindo quem é, ou não é, uma mulher emancipada. A Reinata é uma mulher emancipada? E Dona Isabel Senhorinha? E Mariana? E Delfina (*Ibidem*: 795-797; 798-801; 809-810)?

O trabalho de campo de desenvolvi em Maputo em 2008 e 2009 consolidou a minha convicção de que o pensamento feminista, nas suas diferentes versões, também pode ser imperial e colonial convertendo as pluri-versalidades em prescrições universalizantes. No entanto, não se trata de desperdiçar ou contrapor uma nova norma ou prescrição feminista. Neste momento, com base num pensamento que está sempre a rodar dentro de mim, interpelado por todas estas mulheres de Maputo e de Dili com quem estive e trabalhei nestes dois últimos anos, apenas vos proponho três chaves teóricas para começar a construir aquilo que o professor Boaventura tem vindo a chamar as *teorias de retaguarda*.

a) Uma **SOCIOLOGIA DOS RESGATES** que pensa o lugar do passado no presente e uma ecologia da enunciação da emancipação - porque esta tem que ser compreensível, concreta e resultar na felicidade das pessoas. Uma sociologia dos resgates pretende redescobrir e resgatar do tecido social e dos imaginários tudo aquilo que tem sido encoberto e olvidado mas que já mostrou ser útil, eficaz e capaz de se transfigurar em novos conhecimentos e tecnologias de emancipação pessoal e colectiva. É, particularmente, importante em sociedades marcadas por episódios de grande violência e destruição e cujas políticas de memória nem sempre respeitam as vítimas nem os ganhos emancipatórios de antes. Pensar assim a emancipação das mulheres através desse resgate sociológico remete-me para o seu carácter performativo e exemplar: umas para as outras, umas das outras, umas com as outras, as mulheres constroem as suas próprias formas de emancipação.

- b) Uma **SOCIOLOGIA DA AMBIGUIDADE** que sustente e suporte percursos e projectos desalinhados e incertos quanto aos métodos e aos resultados. Ou seja, tornar a instabilidade numa categoria das categorias sociológicas. As vendedeiras da lama, as Delfinas, as mulheres que não querem perder os seus maridos por causa da carreira, das crianças ou outros motivos; as mulheres que sustentam as casas, as famílias e inventam ciclos de agricultura familiar no quintal de trás, mais negócios e projectos de vida, onde estão, na literatura? Ainda que não saibam discursar ou escrever ensaios, lembro-me que sabem línguas, matemática, gestão e economia, e muitas vezes são peritas na resolução de conflitos. Algumas são as que usam as mais bem sucedidas técnicas de harmonia hostil e greves de silêncio dentro de casa mas nem sempre gostam de intervir numa discussão pública ou participam numa campanha. Aquela ambiguidade que sentimos nas suas escolhas e métodos não será, sobretudo, o nosso medo de não entender, de não controlar, categorizar e arrumar nas nossas tão claras teorias feministas?
- c) Uma **SOCIOLOGIA DAS CAIXAS DE RESSONÂNCIA** que pensa as formas de amplificação de cada uma das vozes e gritos para que nenhuma pessoa se possa sentir desamparada; procura formas e teares simbólicos, imateriais e físicos de união, cooperação, questionamento e compaixão. O grande desafio permanece então no diálogo, no sentido mais profundo do termo, ou seja, como colocar duas ou mais racionalidades em inter-acção, a ler-se, a interpretar-se, a apaixonar-se sem que uma ou outra se mostre interessada e activa em se impor. As caixas de ressonância precisam de hermenêuticas de responsabilidade mútua e compaixão. Compaixão não no sentido de piedade mas no sentido de saber sentir com, ou seja, a competência humanizadora e plurilógica de não separar a investigação da acção, a mão do pensamento, a ética da vida, os princípios da existência concreta das criaturas.

2. Notas de arremate

Neste trabalho procurei dar corpo a algumas das interpelações que o trabalho de campo realizado no âmbito da minha pesquisa de doutoramento me suscitou. Formulei-as em três questões de partida: quem é uma mulher emancipada? O que são os poderes das mulheres? Localizar, biografar não pode reforçar a discriminação e a dominação sobre as mulheres? O meu exercício foi argumentar através de outros termos e de outras formas de entender e de exercitar a razão ou a desrazão das coisas. Conteí para isso com as estórias e as lições aprendidas com as mulheres e

homens com quem tenho vindo a trabalhar e a conversar e ainda com as muitas reflexões que fui fazendo e faço. Quero acabar este ensaio com uma última reflexão e que considero o texto deste texto.

Aprendi em Moçambique, com uma mulher, que o professor dela já dizia há vinte anos:

" - A guerra em Moçambique, não serve apenas para destruir as pessoas, as infra-estruturas, a economia e fazer transferência de poder entre grupos e interesses. A guerra serve sobretudo para destruir a memória da revolução, do que juntos conseguimos fazer, com tão pouco e com tão pouco respeito de quem nos observava, clinicamente."

Ao chegar a Dili, repetiu-se o mesmo amargo de boca que tivera em Maputo. A cada mulher a quem perguntei quais eram os momentos em que ser mulher era importante, que poderes tinham dentro e fora da família, a mesma hesitação e o mesmo silêncio. Tornara-se impensável e impronunciável. Claro, pensei eu. As mulheres e as meninas são as mais pobres, as maiores vítimas de violência em tempo de guerra ou fora dela, em casa ou na rua, são as que trabalham mais e menos rendimentos têm. Elas são, sem dúvida, as subalternas, as margens das margens, as silenciadas. Passados alguns dias comecei a ver. E vi o quê?

Vi duas cidades cheias de vítimas tematizadas de todas as maneiras nos cartazes, nos anúncios das conferências internacionais, nos programas de televisão, na propaganda dos governos, nas iniciativas da UNIFEM e da UNICEF, nos 'perfis de género', nas igrejas, nos centros de recurso e também nos Centros de Estudos do Género.

Até que vi e compreendi a frase:



Eu posso.

Eu compreendo que me odeiem pelo resto dos vossos dias mas será que veremos tanto, falarmos tanto, escrevermos, estudarmos tanto, sublinharmos as vítimas que elas são - e como são! - não pode ser como a guerra? Destrói a memória, destrói as palavras, destrói o poder das mulheres para se emanciparem, pensarem-se e fazerem-se feministas do seu tempo, do seu lugar e da sua imaginação social?

" - O soldado (...) fazia só o seu trabalho dele que era matar. Os maburros esses eram maus. Além de matar e matavam melhor (...) que é o trabalho da guerra, eles partiam as panelas" (Ibidem: 123).

Referências Bibliográficas

- Amal, Teresa (2009), *Never Trust Sindarella*. Diário de Campo (mimeo).
- Arendt, Hanna (2001), *Sobre a Violência*. Relume Dumará: Rio de Janeiro.
- Faubion, James D. (2002), *Michel Foucault. Power Essential Works of Foucault 1954 - 1984. Volume 3*. London: Penguin Books.
- Fórum Mulher (2006), "Compilação de Instrumentos Internacionais e regionais de defesa dos direitos Humanos das Mulheres". Maputo: Fórum Mulher - Coordenação para a Mulher no Desenvolvimento.
- Santos, Boaventura de Sousa (2007), *Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social*. São Paulo: Boitempo Editorial.

Nota biográfica

Teresa Cunha nasceu no Huambo em Angola. Estudou Filosofia, Ciências da Educação e Sociologia. Tem vários trabalhos publicados em vários países sobre Feminismos, Timor-Leste e Educação dos quais se destacam os mais recentes: *Tecendo margens no oceano Índico: Paz, Justiça Social e Mulheres de Moçambique e Timor-Leste* e *Challenging International Rationales: Another understanding to Timor-Leste and Mozambique* publicados pela Universidade de Vitória, Austrália; *Against the Waste of Experiences in Intercultural Learning*, publicado pelo Conselho da Europa; *Reconnaître l'inconnu. Vers un dialogue interculturel en Europe*, publicado pelo Observatório das Políticas Culturais de França e *Critérios para avaliar organizações não lucrativas ou nove teses para aprofundar a democracia do Terceiro Sector* publicado pela Universidade Metodista, Brasil.

É doutoranda do CES estando a terminar a sua dissertação cujo título é: Para além de um Índico de desesperos e revoltas. Uma análise feminista pós-colonial sobre as estratégias de vida e de poder de mulheres de Moçambique e Timor-Leste. As suas áreas de interesse em termos de investigação são: feminismos e pós-colonialismos no Oceano Índico em particular Timor-Leste e Moçambique; estudos para a paz; emancipação social. É Professora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal.

Contacto: tahine@ces.uc.pt